

O ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DA LITERATURA, A VIDA E OBRA DE JULIO CESAR DE MELLO E SOUZA

Maurílio Antônio Valentim

valentinos@yahoo.com.br

UNIBAN – Universidade Bandeirante de São Paulo - Brasil

Tema: BLOCO VI: Matemática e sua integração com outras áreas.

VI.2 - Ensino Experimental de Matemática.

Nível: 5. Formação e atualização profissional.

Modalidade: Comunicação breve (CB).

Palavras-chave: Educação Matemática, Literatura, Malba Tahan.

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar a obra literária, bastante diversificada, de Julio Cesar de Mello e Souza mais conhecido pelo seu heterônimo de Malba Tahan. A relação entre sua obra e postura de professor de Matemática com a Educação matemática. Considera ainda um diálogo entre Literatura e Matemática em uma possível união entre duas áreas reputadas por muitos como antagônicas.

A utilização da matemática dentro da literatura pode ser confirmada em várias obras tais como: *Aritmética da Emília* de Monteiro Lobato, *A revolta dos números* de Odett B. Mott, *A matemática da formiga*, Versiani entre outros.

No livro *A matemática da formiga*, Versiani utiliza uma linguagem matemática que é bem enfatizada, já que começa a narrativa com “Sexta feira treze” (1999, p. 13), e continua sutilmente através da fórmula do físico Isaac Newton sobre a gravidade, analisando suas conseqüências.

Malba Tahan procurou fazer o inverso, utilizando a literatura como instrumento de divulgação ou de aprendizagem no ensino de matemática, numa busca através das letras em um combate ao medo que esta disciplina costuma provocar evidenciando sua preocupação em unir o lúdico à matemática através da literatura.

Trabalhar com literatura nas aulas de matemática já é objeto de estudo de diferentes autores. Em seu trabalho *Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil*, Smole e et al relatam os trabalhos de pesquisa no curso de Conteúdo e Metodologia da Matemática do CEFAAM da EEPSP Professor Ceciliano José Ennes, que tinha como objetivo que os “alunos desenvolvessem hábitos de leitura, pesquisa e criação de atividades matemáticas e que percebessem as possibilidades de estabelecer conexões entre a matemática [...] e outras áreas”.(1993, p. 1)

Dentro desse estudo Smole classifica ou agrupa os livros infantis em quatro categorias:

1ª) Livros de contagem e os livros de números. Esses livros possibilitam a exploração de conceitos matemáticos.

2ª) Livros de histórias variadas. Podem ser livros de folclore, contos de fadas ou fábulas.

3ª) Livros conceituais. Específicos de matemáticas.

4ª) Livros de charada.

Não é feita como vimos, uma classificação levando em conta o ensino de matemática pura e simplesmente, mesmo tendo entre os grupos livros para tal. A escolha do livro a ser utilizado não tem a matemática como critério primordial, já que ela pode estar implícita, explícita ou até mesmo inexistente. Mesmo que o objetivo central seja o ensino de Matemática, as autoras deixam clara a importância da leitura o que podemos destacar em alguns pontos:

Não devemos distorcer a história dando ênfase indevida a aspectos matemáticos e nem ter como objetivo aprender primeiro a matemática ou a língua materna, e sim as duas ao mesmo tempo; o professor deve ter gosto pela leitura, para assim conhecer as obras com as quais trabalhar; os alunos devem ser apresentados a ela para conhecê-la e se interessarem e nunca esquecer que acima de tudo deve prevalecer o prazer da leitura.

A necessidade da leitura pode ser justificada, pois:

É certo que a linguagem matemática consiste de símbolos bem definidos que representam conceitos fundamentais, mas também é certo que para expressá-los oralmente tomamos emprestados termos da língua materna que podem ter diferentes significados dentro e fora da matemática e para construir a compreensão da linguagem unidimensional da matemática faz-se necessário que o aluno tenha noção da diversidade de seu uso. (Smole, 1993, p. 4)

Esta diversidade no uso de termos é tratada por Machado (2001, p. 97-98), que os considera como termos “anfíbios, ora com origem em uma, ora com origem em outra”, em se tratando de Matemática e da língua portuguesa. Entre alguns exemplos temos:

Chegar a um denominador comum, dar as coordenadas, aparar as arestas, sair pela tangente, ver de um outro ângulo, retidão de caráter, o xis da questão, o círculo íntimo, a esfera do poder, possibilidades infinitas, perdas incalculáveis, numa fração de segundo, no meio do caminho.

A utilização de simbologia matemática por autores, para a criação literária, seja em narrativas ou na poesia é bastante comum, mas exige do leitor um conhecimento prévio

dependendo dos termos utilizados, ou de acordo com Humberto Eco (1994) que se tornem leitores-modelo maduros.

A aplicação da matemática dentro da literatura, uma inovação por parte de Júlio César, cria uma nova discussão sobre como se pode ensinar matemática de uma maneira diferente. Este procedimento pode contribuir para a educação matemática, na época já sendo discutida com uma subárea da Matemática e da Educação no mundo, já que seu objeto de estudo, que é definido por Costa (2007) está “na relação entre ensino, aprendizagem e conhecimento matemático.”

Monteiro Lobato em sua carta datada em janeiro de 1939, comentando a obra *O homem que calculava*, descreve:

O “O homem que calculava“ já me encantou duas vezes e ocupa lugar de honra entre os livros que conservo. Falta nele um problema __ o cálculo da soma de engenho necessária para a transformação do deserto da abstração necessária em tão repousante oásis. Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental __ obra alta, das mais altas, e só necessita de um país que devidamente a admire; obra que ficará a salvo das vassouradas do tempo como a melhor expressão do binômio “ciência-imaginação”. (LENDAS ORIENTAIS, 1942, p. 65)

Ele já entrevia uma diferença entre uma linguagem abstrata usada pela ciência, e a linguagem significativa, que é ligada à imaginação, tema este, que naquela época não era conjecturado pela maioria dos professores de matemática.

Este novo campo do saber, uma subdivisão da matemática, é “mais complexo do que aparenta. É uma confluência de múltiplos saberes [...] Sociologia, Filosofia, Lingüística, Epistemologia, Antropologia, Psicologia.” (Costa, 2007)

Neste caso, explicitando, podemos considerar que a Matemática toma parte na elaboração da Educação Matemática ao se preocupar com o conteúdo e estrutura do saber científico a ser ensinada, a Psicologia trata do desenvolvimento do indivíduo e dos processos de ensino e aprendizagem da Matemática, e a Lingüística pode ajudar na compreensão da natureza de certas dificuldades de aprendizagem

O surgimento da Educação Matemática no Brasil teve início a partir do Movimento da Matemática Moderna, disseminado em várias partes do mundo, mais precisamente no final dos anos 70 e início dos 80 do século XX. Em meado dos anos 80 surge a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e os primeiros programas de

pós-graduação em Educação Matemática. Mas seu surgimento ocorreu, de acordo D'Ambrósio apud Costa (2007, p.3):

[...] a partir das 3 grandes Revoluções da Modernidade, a Revolução Industrial (1767), a Revolução Americana (1776) e a Revolução Francesa (1789), as preocupações com a Educação Matemática da juventude começam a tomar um rumo próprio”[...].

D'Ambrósio afirmar ainda que até então, falar sobre o ensino de Matemática era competência dos matemáticos inseridos nas Universidades. Mas no final do século XIX, com a necessidade imperativa de formar uma grande quantidade de professores qualificados para atender à demanda dos sistemas escolares difundidos, as Universidades começam a ampliar seus programas de formação de professores. A Educação Matemática como um campo de estudo, então, tem sua origem. A identificação da Educação Matemática como uma área de extrema importância na educação ocorre, pois, na transição do século XIX para o século XX.

Neste campo de estudo, interdisciplinalizando a matemática com as outras disciplinas, incluem-se às questões da preocupação com a aprendizagem, utilizando-se a literatura como instrumento para melhora na decodificação da simbologia matemática. Esta aplicação pode ter em Malba Tahan um grande divulgador, pois apesar de ter escolhido a Matemática como conteúdo a ser ministrado por ele como professor, nunca deixou de ser um contador de história.

Não podemos afirmar que Júlio César seja um educador da matemática moderna já que ele se situa, cronologicamente, bem antes do surgimento da educação matemática no Brasil, mas de acordo com Cruz apud Costa que

[...] , caracteriza a Educação Matemática como prática e área de investigação que surge da necessidade de produzir resultados práticos que ajudem a melhorar o ensino e aprendizagem como um corpo de conhecimento e produzir um corpo de conhecimento que explique a natureza dos fenômenos que ocorrem no ensino e aprendizagem da Matemática.(2007, p. 4)

Podemos, considerando que durante toda sua vida como professor Júlio César estava sempre procurando um meio de melhorar a didática do ensino de matemática, utilizando a literatura como uma de suas armas, ele estava trabalhando com Educação Matemática

bem antes dela ser colocada em prática no Brasil, o que talvez justifique as polêmicas por ele provocadas na convivência com os profissionais de Matemática à época.

Uma das polêmicas aconteceu à época da instituição da primeira lei nacional de ensino – Reforma Francisco Campos – no início da década de 30 que instituiu um currículo nacional, caracterizando pela primeira vez a disciplina Matemática, resultado da integração dos conteúdos independentes aritmética, álgebra e geometria, entre os professores Júlio César de Mello e Souza e Jacomo Stávale.

Neste debate Júlio César critica uma coleção de livros didáticos de matemática do então colega de profissão, levantando as questões de exagero de teorias e rigor nos textos didáticos que iam de encontro ao movimento renovador do ensino da matemática no mundo.

Júlio César apoiou o movimento renovador do ensino de matemática. Seu nome figurava desde o início nas propostas de mudança, que em 1929 é implantada no Colégio Pedro II, e “Com a revolução varguista, a reforma circunscrita à instituição modelo do ensino secundário ganha caráter nacional” (Valente, 2003, p 164)

Sendo considerado um autor com capacidade de agradar tanto aos mais cultos quanto aos menos privilegiados, ele foi um grande contador de histórias se enveredando pelos mais diversos tipos de literatura, deixando bem a vontade qualquer pessoa, gostando ou não de literatura e ou matemática, para escolher o que saborear.

A heterogeneidade de temas na qual aborda Júlio César em suas obras que de acordo com Oswaldo paixão (Costa, 1942, p.13) possuem “páginas de uma leitura que serve a toda gente” assim o leitor malbatahano não precisa ser necessariamente um detentor de conhecimento prévio em matemática para realizar uma leitura nas obras de cunho matemático. A própria conotação árabe nas suas obras, mesmo as que não possuem um fundo implícito ou explícito em matemática, pode provocar no leitor uma pseudo-quebra do que Coleridge chama de “suspensão de descrença” (Eco, 1932, p.81) para que este efeito tivesse ocorrido.

Ele escreveu e adotou metodologias para serem aplicadas principalmente em histórias infantis, o que podemos considerar como uma metanarrativa na literatura infantil.

A metanarrativa é um texto narrativo no qual o escritor escreve uma história e comenta os processos que usa ao fazê-la: como urdiu o enredo, como achou as personagens, como escolheu os nomes, se inventou ou reinventou alguma técnica narrativa, ou seja, fala sobre si mesmo, critica a si mesmo.

Conclusão

Não podemos negar a impregnação entre a matemática e a língua materna mesmo sabendo que a primeira possui uma simbologia própria.

Durante toda nossa vida escolar a língua materna e a matemática são nossas companheiras, mas nos anos iniciais temos o prazer de sonhar e a curiosidade em conhecer o novo, mas com o passar do tempo, normas, regras, modelos prontos, decorações e repetições tomam o lugar da criatividade, do prazer e da imaginação.

Com o aval de uma sociedade que busca um conhecimento rápido para formação em um regime capitalista, o processo educacional pende para um conhecimento cultural científico em desfavor de um conhecimento humanístico. Privilegiando a objetividade e a lógica e deixando o que é tido como irreal e fantástico, o ensino reduz as potencialidades cognitivas do ser humano sem se ater ao fato de que, sem elas, a própria formação cultural científica pode ficar comprometida.

Não podemos viver somente no imaginário, no ilusório, em sonhos, mas também não podemos ficar cegos, achando que tudo que não segue o raciocínio lógico não produz conhecimento.

Se considerarmos a literatura, de um lado, como representante do imaginário e a matemática, de outro lado, como representante do lógico a união das duas significaria um passo para a unificação de um processo de (in)formação da educação para o ser humano.

Em decorrência de mudanças sócio-político-econômicas ocorridas nos últimos anos, a matemática, o saber matemática e o ensinar matemática vem sendo objeto de inúmeras discussões. No decorrer dos estudos fui sendo apresentado a uma gama de autores e obras que fazem uma ligação entre a Literatura e a Matemática, mas voltada para uma literatura infantil e com objetivo claro de facilitador na aprendizagem do conhecimento matemático.

Considerando que um texto escrito é uma tradução por meio de palavras daquilo que se conhece, ao enfatizarmos este procedimento, podemos descobrir até que ponto este conhecimento está absorvido pelos nossos alunos. Mas escrever é parte de um processo unívoco de ler. Se almejarmos aperfeiçoar nossa escrita, devemos ampliar nossa leitura. Estamos cercados de narrativas desde a infância. Ouvir, ler e contar histórias nos parece ser uma predileção humana universal. Consideramos então que a literatura é o elo entre toda forma de aprendizado na formação do ser humano.

É nesse aspecto que entra a obra de Julio César de Mello e Souza.

Matemático de formação e literato, por encanto, fez com que milhares de pessoas se encantassem com um conteúdo ainda considerado por muitos como um martírio escolar. Com uma extensa obra publicada entre livros específicos de matemática e livros que abordam assuntos diversos a indiferença dada pela crítica da Academia não se deve somente em decorrência dele ser um autor anfíbio. É fato que não somente ele, mas uma grande parte dos autores brasileiros também estão neste rol.

Nosso desejo de apresentar a vida e obra de Júlio César de Mello e Souza foi completamente satisfeito. Apesar das dificuldades encontradas, no início, tivemos um universo para a pesquisa muito amplo a ponto de termos a sensação, no final, de não conseguirmos evidenciar a real grandeza deste autor.

Verificamos o cuidado de Júlio César na elaboração de seus personagens pois o caráter de cada um deles é voltado para a formação de um cidadão de princípios nacionalistas e religiosos. Ao permear sua obra vemos o nível de conhecimento literário que este autor adquiriu durante sua vida escrevendo sobre assuntos diversos e com um grau de citações de outras obras e autores que podem deixar muitos escritores e leitores atuais estarecidos.

A prática de leitura deve acontecer em todas as disciplinas de ensino e a matemática não pode ficar ao relento. Júlio César mostrou que isto é possível de acontecer. Como autor e professor criou e aplicou o que acreditava em suas aulas nos deixando não somente uma imensa obra de apoio mas a idéia de que é possível ter a literatura como aliada na formação de uma educação matemática.

Referências bibliográficas

COSTA, L. V. O. *Educação matemática: origem, características e perspectivas*, In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 9, 2007, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Disponível em:
<http://www.sbem.com.br/files/ix_enem/Html/comunicacaoCientifica.html>.
Acesso em: 18 set. 2007.

CRUZ, M. de O. *Narrativas em matemática: significado e função*. Disponível em:
<http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=textoapoiio.ds_home&id_comunidade=132>. Acesso em: 12 mar. 2009.

ECO, U. (1994). *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras.

FERREIRA, A. L. C. *Malba Tahan: uma vida dedicada ao ensino significativo da matemática*. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

- FONSECA, M. da C. & F. R.; CARDOSO, C. de A. Educação matemática e letramento: textos para ensinar matemática, matemática para ler o texto. In: NACARATO, A. M.; LOPES, Celi Espasandin (Orgs.). *Escritas e leituras na educação matemática*. Belo Horizonte, Autêntica, 2009. p. 63-76.
- LENDAS ORIENTAIS.(1942). *Malba Tahan, sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa.
- LOBATO, M.(2005). *Aritmética da Emília*. 29. ed. São Paulo: Brasiliense.
- MACHADO, N. J.(2001). *Matemática e língua materna: (Análise de uma impregnação mútua)*. 5 ed. São Paulo: Cortez.
- MEIDANI, H. *Malba Tahan: matemática, literatura e educação*. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- MOTT, O. B.(1989). *A revolta dos números*. 4 ed. São Paulo: Paulinas.
- SARAIVA, J. C. V.(2002). *Malba Tahan visita São Luiz e outras histórias*. [S.I. :s.n.]
- SMOLE, K. C. S.(1993). *Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil*. São Paulo: CAEM - Centro de Aperfeiçoamento do Ensino de Matemática e Estatística da USP.
- TAHAN, M. (1964). *A arte de ler e contar histórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista,
- TAHAN, M. 1998. *O homem que calculava*. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- VALENTE, W. R. (2003). *Controvérsias sobre educação matemática no Brasil: Malba Tahan versus Jacomo Stávale*. Caderno de Pesquisa PUC-SP, São Paulo, n. 120, p. 151-167, nov.
- VERSIANE, D. B. (1999). *A matemática da formiga*. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- VILLAMEA, L. Malba Tahan, o genial ator da sala de aula. *Revista Nova Escola*, São Paulo, ano X, n. 87, p. 8-13, set. 1995.

Anexo

Nascido em 6 de maio de 1895 no Rio de Janeiro, até então capital da República Federativa do Brasil, Julio César de Mello e Souza, constituiu a matemática, disciplina por muitos temida e atemorizadora, inclusive por ele mesmo quando criança, seu objeto alvo na trilha que seguiria no caminho da literatura.

É o quinto de nove filhos do casal João de Deus de Mello e Souza, professor e funcionário do ministério da justiça e da dedicada professora Carolina Carlos de Mello e Souza, ou dona Sinhá, como era carinhosamente chamada. Passou sua infância, junto com a família em Queluz, uma pequena e agradável cidade serrana de São Paulo, às

margens do Rio Paraíba do Sul e da Rodovia Presidente Dutra, quase na divisa com o Rio de Janeiro.

Aos dez anos de idade editava uma “revistinha” denominada **Erre**, que continha histórias e jogos. Seu conteúdo provocativo indicava que ele queria fazer concorrência com seu irmão Rubens, que editava outra “revistinha” chamada **Mez**. Sua caligrafia estava acima da de um garoto de sua idade, escrevia bem dando pistas de um futuro redator criativo e próspero, e assim iniciava sua vida literária. Os primeiros números tinham como redator Júlio César de Mello e Souza, mas a partir de sua ida para o Rio de Janeiro, só editava quando estava de férias, passou a assinar, nos últimos volumes, Salomão IV, dando início à origem de toda sua mistificação literária.

Em 1906 se matricula no Colégio Militar, sendo colega de turma de Osvaldo Aranha, que foi Ministro do Exterior, chanceler do Brasil.

Estudou no colégio militar até 1909, quando saiu e foi para o Colégio Pedro II em regime de internato, onde cursou humanidades. “Foi um desastre completo nos números” de acordo com Villamea (1995, p. 12).

Fez o curso de Professor Primário na antiga Escola Normal do Distrito Federal, hoje Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em 1913 matriculou-se na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro, tendo concluído o curso de Engenheiro Civil, mas nunca exerceu a profissão. Enveredou-se por diversas áreas tendo se matriculado, em 1915, na Escola Dramática Municipal – Distrito Federal, sendo colega de curso de Procópio Ferreira, famoso ator e diretor de teatro, não o concluiu por motivo de força maior.

Em 1925 casou-se com Dona Nair de Mello e Souza que fora sua aluna de Geometria na Escola Normal, tendo três filhos: Rubens Sérgio de Mello e Souza, Sônia Maria de Mello e Ivan Gil de Mello e Souza.

Iniciou suas atividades ainda estudante no Colégio Pedro II como servente e auxiliar interino da Biblioteca Nacional. Em 1913 assumiu como professor, turmas suplementares do Externato da própria escola. Durante quatro anos lecionou em escolas públicas. De 1925 a 1930 foi professor no Serviço Nacional de Assistência aos Menores (SAM), entidade que atendia a menores carentes, na Escola João Luiz Alves, trabalhando com menores delinquentes. Aprovado em concurso público para o cargo de professor de matemática no Colégio Pedro II atuou por doze anos. Lecionou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, ministrando aulas de Matemática, literatura infantil e Folclore. Nesta escola, instituiu uma nova disciplina, a Arte de Contar Histórias. Em 1926 é nomeado professor na Universidade do Brasil (Escola Nacional de Belas Artes).

Mais tarde foi transferido para a Faculdade Nacional de Arquitetura, recebendo o título de Professor Emérito da mesma. Trabalhou como professor durante oito anos nos cursos da Companhia De Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), lecionando Didática Geral e Didática da Matemática. Foi professor de Colégios particulares, religiosos e de escolas técnicas. Antes de ser professor de matemática, lecionou História e Geografia e Física, durante quatro anos na escola Álvares de Azevedo. Foi ainda apresentador de programas nas rádios: Nacional, Clube e Mairynk Veiga do Rio e da TV Tupi (Rio) e Canal 2 (TVC – São Paulo).

Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, pela obra **O Homem que calculava**, 25ª edição no ano de 1972. Ocupou a cadeira número oito da Academia Pernambucana de Letras.

Editou durante cinco anos a revista **Al-kwarizmi** de recreações matemáticas; a revista **Lilivati**, também dedicada à Matemática, e por dez anos a revista Damião, dirigida aos hansenianos, os quais visitava em suas colônias e era enviada a todos os leprosos do Brasil e Portugal. Um de seus livros aborda a questão dos hansenianos **O mistério do Mackenzista**: um estranho caso policial. Ainda era colaborador em dezenas de revistas e jornais, tais como: **O Diário da noite**, **O cruzeiro**, **O correio da manhã**, **Última hora**, **A noite**, **Jornal do Brasil**, entre outros. Como palestrante realizou mais de duas mil conferências em todo o Brasil.

Como colaborador do jornal **O imparcial**, levou para o secretário do mesmo uns contos propondo sua publicação. Os contos ficaram por vários dias ignorados sobre a mesa da redação. Logo ele se viu obrigado a lidar com o descrédito. Sem fazer nenhum comentário, no dia seguinte, reapareceu no jornal. Trazia os mesmos contos, mas com outra autoria. Em vez de J.C. de Melo e Souza, assinava R. S. Slade, um fictício escritor americano. Entregou os contos novamente ao editor, dizendo que acabara de traduzi-los e que faziam grande sucesso em Nova York. O primeiro deles, A vingança do judeu, foi publicado já no dia seguinte – e na primeira página. Os outros quatro tiveram o mesmo destaque.

Após o ocorrido Júlio César notou que precisava usar outro nome, já que seus contos orientais, que estavam prontos para publicação, não fariam sucesso com a assinatura de um autor brasileiro, e ai surgiu Malba Tahan que possui como nome completo Ali Yezid Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan. Para aprimorar sua mistificação teve aulas de árabe ministradas pelo Dr. Jean Achar e estudou o **Talmude** e o **Alcorão**, durante o período de 1918 a 1925, quando também publicou seus contos. O mistério em

volta de Malba Tahan ajudou no enorme sucesso neste período e somente em 1925, após a publicação de seu primeiro livro, que continha seus melhores contos publicados, **Contos de Malba Tahan**, editado pela Lux Editora do Rio de Janeiro, o Brasil conheceu quem era na verdade Malba Tahan.

O nome Tahan, inspirado no sobrenome de sua aluna Maria Zuchsuk Tahan, significado “moleiro”, isto é, aquele que prepara o trigo, ou o dono do moinho, ou indivíduo que mói cereais por ofício. Entretanto, filólogos e arabistas divergem sobre o verdadeiro significado da palavra Malba. O livro **Description de L’Arabie**, volume II, de 1756, do renomado historiador Niebuhr destaca o referido nome como sendo a denominação de um pequeno oásis no Iêmen. O professor Jamil Safadi informa que Malba significa aprisco, isto é, toca, ou esconderijo de ovelhas. O poeta libanês Assad Bittar, destaca que a palavra Malba, em árabe, denomina a raiz de uma planta da família das *marantíci*as de onde se extrai uma farinha alimentícia. (Conforme o Aurélio, estas são plantas tropicais monocotiledôneas de belas folhagens, de que existem 400 espécies). Sabe-se que o significado mais aceito de Malba Tahan é o “Moleiro de malba”. Complementando estas informações sobre o significado deste nome sabendo-se que *Ibn* significa filho e *Hank*, em inglês novelo ou meada, como sendo Filho de Salin meadeiro moleiro de Malba. Observa-se que na dedicatória do livro **O homem que calculava**, o nome de Malba Tahan vem precedido das palavras árabes *el-hadf* e *cherif*, que são atribuições a quem já fez a peregrinação a Meca e título de pessoa nobre, respectivamente. Note-se também que o nome Edin é parte do nome do mais admirado poeta árabe, Mourad Eddine Elussein. Iesidn por sua vez, era nome do cheique que morreu combatendo a invasão em Bagdad em 1928. No rodapé da página 107 da 22ª edição do livro **O homem que calculava** o tradutor B.A.B. afirma que nominalmente Malba Tahan é bisneto de um certo Salin Hank.

A ligação de Júlio César com Malba Tahan foi tamanha que podia se confundir autor com obra. Em suas personificações Júlio chegava a utilizar roupas e ambiente caracterizados. Seu sucesso fez com que o Presidente Getúlio Vargas decretasse de forma especial que a justiça introduzisse o heterônimo em sua carteira de identidade. Malba Tahan teve uma biografia elaborada e descrita na introdução do livro **Minha vida querida**. É relatado que esta biografia foi retirada de um suposto livro **Cresmothie árabe** do Dr. A. Van Gennep.

Como vimos, desde a mais tenra infância, Malba Tahan ou Júlio César, teve influências que o levaram a utilizar destes processos de criação. Seu espírito criativo foi alicerçado

por características bem claras tais como pais, professores, a amizade religiosa e suas primeiras leituras.

A escolha do estilo literário pode ser justificada, além dos gostos na infância, ao fato da grande ligação da matemática com o oriente. É comprovada a grande influência da cultura árabe na implementação da álgebra para a Europa, introduzindo os algarismos arábicos dos hindus, desenvolvendo calendários que foram aperfeiçoados e outras contribuições.

Juntos, ele e seu heterônimo, Ali Yezid Izz-Edin Ibn-Salin Hank Malba Tahan e mais alguns colaboradores tais como: Cecil Thiré, Euclides Roxo, Nicanor Lemgruber, Irene de Albuquerque, Manoel Jairo Bezerra, Ceres Marques e Jurandir Paes Leme, publicaram ao longo da vida aproximadamente 140 livros (ver Anexo A).

Podemos, considerando que durante toda sua vida como professor Júlio César estava sempre procurando um meio de melhorar a didática do ensino de matemática, utilizando a literatura como uma de suas armas, ele estava trabalhando com Educação Matemática bem antes dela ser colocada em prática no Brasil, o que talvez justifique as polêmicas por ele provocadas na convivência com os profissionais de Matemática à época.